



DECOLONIALIDADE EM POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E ELIANE POTIGUARA

DECOLONIALITY IN POEMS BY CONCEIÇÃO EVARISTO AND ELIANE POTIGUARA

DOI: 10.5281/zenodo.20361976



Débora Francisca de Lima Thomazini¹

Lúcio Álvaro Marques²

RESUMO

O que se propõe neste artigo é demonstrar a decoloniadade nos *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo; e *Metade Cara, Metade Máscara*, de Eliane Potiguara. O termo decolonial, utilizado neste artigo, será percebido como uma luta contra a colonialidade do poder, a que os povos indígenas e negros são submetidos na modernidade. A pesquisa bibliográfica e interpretativa será desenvolvida tendo como base a análise de poemas dessas duas escritoras contemporâneas, de modo a verificar em suas obras poéticas a diáspora negra e indígena, em que prevalece o protagonismo da voz feminina. Nas obras das duas escritoras estão presentes a denúncia de mais de quinhentos anos

1 Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. Graduada em Letras - Português e Inglês pela Fundação Comunitária Educacional e Cultural Patrocínio_MG. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e Língua Portuguesa. Especialista em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Revisora de textos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1251-5197>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7156494247727436>

2 Professor do Magistério Superior na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Atua no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (DFICS) e no Programa de Pós-graduação strico sensu em Educação (PPG Educação). Tem Pós-Doutorado em Filosofia Brasileira pela Universidade do Porto / Portugal (Uporto/2015). Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/2012-2014). Bacharel licenciado em Filosofia pela PUC-MINAS (1999-2001). Tem experiência nas áreas de Filosofia Brasileira e Metafísica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7571-0977>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/10886489687576321>.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

de vozes silenciadas pela violência e escravidão. Elas textualizam a realidade em torno das relações entre o colonizador e colonizado e os efeitos do colonialismo no mundo contemporâneo, que trataremos, conforme Quijano (2005), como colonialidade do poder. A escrita dessas mulheres, ancorada na ancestralidade, traz à superfície do texto a história do colonizador para destoar dessa história ao enfatizar o protagonismo da mulher negra e indígena. Há em suas poéticas uma luta pela transformação de realidades injustas e o estudo dessa insurgência nas letras dessas mulheres é pertinente ao estudo da literatura contemporânea, a inclusão dos olhares femininos de mulheres subalternizadas. Para situarmos teoricamente este estudo, utilizaremos como base, principalmente, os estudos de Quijano (2005) e Mignolo (2020).

Palavras-chave: decolonialidade; escrita feminina; Conceição Evaristo; Eliane Potiguar.

ABSTRACT

The aim of this article is to demonstrate decoloniality in *Poemas da recolção e outros movimentos*, by Conceição Evaristo; and *Metade Cara, Metade Máscara*, by Eliane Potiguar. The term decolonial, used in this article, will be perceived as a struggle against the colonality of power, to which indigenous and black peoples are subjected in modernity. The bibliographical and interpretative research will be developed based on the analysis of poems by these two contemporary writers, in order to verify in their poetic works the black and indigenous diaspora, in which the protagonism of the female voice prevails. The works of both writers denounce more than five hundred years of voices silenced by violence and slavery. They textualize the reality surrounding the relations between the colonizer and the colonized and the effects of colonialism in the contemporary world, which we will treat, according to Quijano (2005), as the colonality of power. The writing of these women, anchored in their ancestry, brings to the surface of the text the history of the colonizer to contrast with this history by emphasizing the leading role of black and indigenous women. Their poetry contains a struggle to transform unjust realities, and the study of this insurgency in the writings of these women is pertinent to the study of contemporary literature, the inclusion of the feminine perspectives of subalternized women. To theoretically situate this study, we will use as a basis, mainly, the studies of Quijano (2005) and Mignolo (2020).

keywords: decoloniality; female writing; Conceição Evaristo; Eliane Potiguar.

INTRODUÇÃO

Neste artigo procuramos entender, a partir da leitura de poemas que integram as obras *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008), de Conceição Evaristo, e *Metade Cara, Metade Máscara* (2019), de Eliane Potiguar, de que forma essas escritoras contribuem com suas escritas para que se reavalie os conceitos de colonialidade e (de)colonialidade e a importância do estudo dessas escritoras na Educação. Em suas obras, há um tom de denúncia

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

e resistência, oposta à ideia de colonialidade. Trabalha-se, portanto, o termo decolonial, percebido como luta contra a ideia de que os indígenas e negros produzem uma escrita menor, uma vez que não fazem parte do cânone. A luta contra a colonialidade é uma luta contra a subalternização a que os povos indígenas e negros são submetidos na modernidade. As duas escritoras são mulheres de escrita de singularidades, que partem de suas vivências, de suas memórias e da ancestralidade. São intelectuais vindas de classes subalternizadas que fazem interlocução com a sociedade contemporânea. As mulheres indígenas e negras são enunciadoras e, em práticas de escrita, são cuidadosas, perspicazes revelando a poeticidade do olhar feminino.

Conceição Evaristo é um exemplo de poesia negra, terminologia adotada pela escritora no ensaio *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* em que define essa literatura como “produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira” (Evaristo, 2009, p. 17). Eliane Potiguara, escritora indígena pioneira, retoma parte da história de seu povo por meio da tradição oral, em um gênero politextual que envolve poesia, prosa e autobiografia.

Evaristo transporta para o mundo literário contemporâneo as tristezas do banzo, esse sentimento de africanidade, mas sem diluir o protagonismo do homem e da mulher negra, uma vez que resistem. Enfatiza que, ao retomar essas histórias e fazer releituras, traz ao território literário a denúncia da violência contra o corpo negro, ao mesmo tempo em que reforça a coragem, como na epígrafe:

Em meio ao medo instalado e à necessária coragem, ensaiamos movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui. E, apesar das acontecimentos do banzo, seguimos. Nossos passos vêm de longe... Sonhamos para além das cercas. O nosso campo para semear é vasto e ninguém, além de nós próprios, sabe que também inventamos a nossa Terra Prometida. (Evaristo, 2017, p. 107).

No texto, os vocábulos medo e coragem convivem juntos. São sentimentos que compõem o contemporâneo, mas estão ancorados nas “proezas” dos ancestrais, por meio da

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

recordação. A tristeza do banzo refere-se ao sentimento de melancolia dos negros, transportados nos porões dos navios, deslocados de seus países de origem para serem escravizados. Na obra de Conceição Evaristo, esse sentimento vai além da memória dos escravizados, transcende na ancestralidade. No entanto, essa tristeza não é capaz de paralisar, segue-se, apesar dela. É este protagonismo que está incutido na obra evaristiana.

Eliane Potiguara, na tessitura de seu trabalho literário, utiliza-se da contação de histórias, da escrita de si, do contexto histórico à época da colonização, em que podemos perceber a resistência dos povos indígenas nas Américas. Há uma intrínseca relação entre a poesia e a história, o real e o imaginário, o individual e o coletivo. Por meio da construção de dois personagens – Cunhataí e Jurupiranga – a poeta reconstrói o passado literariamente. O casal representa os povos indígenas da América Latina e no poema, *Ato de amor entre os povos*, constrói-se a tessitura da narrativa sobre colonização-resistência-protagonismo do indígena. As invasões e separações, a que esses povos foram submetidos, estão representados pela separação do casal em um intervalo espaço-tempo onde sofrem os efeitos colonizatórios até se reencontrarem.

Para o início desta reflexão, começaremos analisando a questão racial e os desdobramentos desencadeados pela divisão de raças. Em Quijano (2005), no artigo sobre a *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*, o autor discorre sobre como se deu a divisão de raças, um instrumento utilizado pelos europeus para a dominação social. Os brancos autodenominavam-se como brancos, o que lhes conferiam superioridade acima de todas as outras raças, os negros como sendo inferiores e os indígenas como apartados da colonização.

Essa classificação da população mundial, tendo como princípio a raça, é um dos eixos do padrão de poder e cuja matriz é colonial. Quijano (2005, p.121) constata que a matriz colonial de poder – MCP incluiu quatro domínios: o controle da economia, o controle da autoridade; gênero e sexualidade; e conhecimento da subjetividade. Mignolo (2017) acrescenta, ainda, ser a teologia cristã o cerne desses dualismos e, mais tarde, a questão da natureza estaria colocada como quinto domínio no que tange ao domínio econômico.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Com essa ordenação, tem-se a Europa como absoluta na centralização do poder – o etnocentrismo. O binarismo, com isso, foi criado entre a Europa e não-Europa, os povos colonizados em raças inferiores e os europeus em raças superiores. A partir dessa perspectiva eurocêntrica, logicamente, os indígenas das Américas e os negros vindo como escravizados da África representavam a categoria inferior, tratados como sub-humanos, tendo suas identidades apagadas e explorada a sua força de trabalho.

A importância de discorrer sobre a colonialidade e o racismo deve-se ao fato que, tanto Eliane Potiguara, mulher indígena, como Conceição Evaristo, mulher negra, refletem em suas obras contemporâneas a subalternização dos corpos de seus grupos étnicos. Mesmo após o colonialismo, o pensamento colonial, chamado por Quijano (2005) de colonialidade do poder, permanece na sociedade, sob novas facetas. Segundo ele (2005, p. 118), “Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista”. Esse arquétipo, criado a partir do processo de racialização, com base na hierarquia das diferenças, compõe a lógica civilizatória homogeneizada nas Américas.

O silenciamento das Poéticas subalternizadas

O estabelecimento do poder do colonizado refere-se ao controle do trabalho e de seus recursos e produtos em torno do capital e do mercado. O capitalismo é um novo padrão global, um padrão novo de poder nas configurações histórico-estruturais. Nessa divisão de trabalho, a raça serve para associar à natureza dos papéis na estrutura global de controle. Na distribuição racista do trabalho – brancos ocupam o espaço de poder e negros como subalternos. Na poética de Evaristo, temos a voz da mãe que ecoa no espaço do trabalho como doméstica, nas cozinhas alheias, como nos versos: “A voz da minha mãe/ ecoou baixinho revolta/ no fundo das cozinhas alheias/ debaixo das trouxas/ roupagens sujas dos brancos/ pelo caminho empoeirado/ ruma à favela.” (Evaristo, 2017 p. 24). Essa racialização imposta na colonização perpetua na colonialidade, uma vez que a mentalidade ainda é aquela do colonizador.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Podemos perceber, nos versos citados, que a subalternização está até mesmo no tom de voz que a mãe utiliza ao pronunciar o termo baixinho. Como vimos, o silenciamento está presente na escravidão e também está presente hoje nos trabalhos subalternizados. A empregada doméstica deve fazer o menor barulho possível, o que conta é o seu trabalho, o corpo negro deve ser invisibilizado. No pensamento colonial, o lugar reservado às negras era o “fundo das cozinhas”, é “debaixo das trouxas”, lugares em que passarão despercebidas ou erotizadas.

Há também a tentativa do silenciamento do indígena, dizimando-o ou escravizando-o. Com a escravização da América, tanto o negro, como o indígena, servirão para os propósitos capitalistas na produção de mercadorias. Em *Metade Cara, Metade Máscara*, no capítulo *Combatividade e resistência*, Eliane Potiguara narra como a personagem Cunhataí fora sequestrada pelos colonos, e seu companheiro Jurupiranga conseguiu escapar. Ele passa por uma longa jornada até reencontrá-la. No trecho, Jurupiranga olha com desalento o que aconteceu com sua tribo com a chegada do colonizador:

Jurupiranga e outros homens desesperados partiram à procura de suas mulheres. Quando chegaram ao povoado dos colonos, viram centenas de indígenas de outras tribos escravizadas. Seus amigos e parentes foram capturados, mas ele, ágil como uma flecha, escapou pelo interior das matas. Assim começou sua peregrinação pelo interior do extenso território norte-centro e sul-americano. Atravessou rios, montanhas, vales, viu centenas de povos tombados pela guerra, viu aldeias inteiras destruídas, viu povos escravizados cabisbaixos trabalhando para os jesuítas, viu indígenas escravizados na lavoura do algodão, do café, do milho, do arroz e milhares de cadáveres. Caminhando muito mais, viu indígenas trabalhando nas minas de Potosi, viu a colonização pelo estanho, pelo ouro, pela prata, pelo carvão, pela macaxita, pela cana-de-açúcar, pela madeira, inclusive pelo látex. (Potiguara, 2019, p. 145).

É o personagem Jurupiranga quem vê as decorrências da colonização no sequestro das mulheres da aldeia, na escravização e nos assassinatos. A primeira visão do protagonista é de centenas de escravizados de outras tribos, e depois a captura de seus amigos e parentes. O cenário é de guerra e fuga. Essa peregrinação é demonstrada pelos lugares, grafados no plural atravessados por ele: rios, montanhas, vales. Esses momentos de desolação e destruição estão

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





presentes, ainda, nas pluralizações seguintes: centenas de povos tombados, aldeias inteiras destruídas. A destruição e a matança tornam-se generalizadas.

Os lugares reservados aos indígenas pelos colonizadores são de violência e subalternização: nas lavouras de algodão, café, milho e arroz. No mesmo período em que se lista os locais de trabalho, temos a expressão milhares de cadáveres, o que demonstra que havia duas situações: ou se era escravo ou cadáver. Notemos, portanto, que há o deslocamento de Jurupiranga pelas terras que foram tomadas pelo colonizador e a categoria violência é utilizada para efetivar essa colonização.

Importante ressaltar que, embora seus parentes e membros de outras tribos tenham sido escravizados, Jurupiranga não se deixa capturar, e a voz poética nos traz a imagem de um guerreiro ágil e destemido. É essa a trajetória do indígena, uma luta por sua liberdade e autonomia. Em Torres-Maldonado, mostra-se a reação inquietante do colonizador quando percebe o potencial agente do colonizado, diferente da posição que ele espera como “entidades sub-humanas dóceis”. (Torres-Maldonado, 2019, p. 33).

Ao retomarmos a história da América, percebemos que, desde o início, os europeus associavam o trabalho não pago às ditas raças inferiores, um exemplo foi o genocídio dos índios utilizados como uma fonte descartável de mão de obra. O pagamento de salário era privilégio dos brancos por serem considerados uma raça superior. Nas palavras de Quijano:

O fato é que já desde o começo da América, os futuros europeus associaram o trabalho não pago ou não-assalariado com as raças dominadas, porque eram raças inferiores. O vasto genocídio dos índios nas primeiras décadas da colonização não foi causado principalmente pela violência da conquista, nem pelas enfermidades que os conquistadores trouxeram em seu corpo, mas porque tais índios foram usados como mão de obra descartável, forçados a trabalhar até morrer. (Quijano, 2005, p. 120).

Há o domínio, a divisão racial e isso pode ser visto na repressão quanto ao conhecimento, na tentativa de desconsiderar a produção indígena. No entanto, a literatura indígena reverbera nos versos de Potiguara na contramão dessa invisibilização, sua voz insubmissa aparece, por exemplo, no retorno de Jurupiranga. Percebemos, no poema “Terra”, no retorno de Jurupiranga à sua aldeia, que a situação sub-humana, como espera o





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

colonizador, não é aceita, porque o indígena é agente, e essa força produz um dos poemas mais representativos da obra *Metade Cara, Metade Máscara* em que se olha para terra com o olhar de pertencimento no seu retorno após quinhentos anos:

Terra

Quando eu vi as araras
seus rabos azuis azul-real
só pôde bater forte o meu coração amante
pela minha terra verdinha.

Eram araras de todos os tamanhos
de tantos gritos
de tantos gestos
e bailavam pelos ares
dando mil voltas e gracejos.
Elas beijavam e conversavam
como os casais românticos
que juram amor eterno.
Eu te vi arara querida
VERDE – AMARELA – AZUL E BRANCA!
Te vi voando
solta
livre
pelos ares.
Eras tu mesma minha
terra querida!
(Potiguara, 2019, p.148)

O personagem Jurupiranga adentra a sua aldeia e vê a sua nação indígena refeita, tudo isso acontece a partir da força da consciência do seu povo. Dentro do contexto, o poema foi produzido a partir de uma inspiração, no despertar de Jurupiranga, que acordou com a melodia do Hino Nacional Indígena. O poema é imagético, a arara representa a brasilidade, são as cores da bandeira do Brasil. A imagem poética se faz pela visão que podemos ter do voo da arara, pela qualificação da terra verdinha. Há harmonia entre a natureza e os povos indígenas e isso pode ser percebido no sexto verso da segunda estrofe, em que as araras e os casais indígenas enamorados comportam-se do mesmo modo em suas juras de amor.

Importante ressaltar essa imagem de integração entre natureza e o indígena. A exaltação de elementos naturais e o ufanismo foram características difundidas no estilo

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

romântico, e que parecem ser retomadas aqui pela poeta indígena. Eliane Potiguara é uma indígena citadina, logicamente, sua formação acadêmica está refletida em sua escritura, assim como sua movimentação política. Embora a construção do poema tenha traços comuns a outras obras românticas, é importante analisarmos a escrita de Potiguara a partir do seu olhar sobre a criação poética que engloba a diversidade. A escritora concilia passado e presente, objetivando harmonia, a união dos povos.

Em Conceição Evaristo, podemos perceber a categoria violência como forma de silenciar e subjugar o corpo negro. Como uma escrita de vivências, expõe-se o lugar de onde emerge, ou seja, as marcas individuais da escritora, suas experiências, um segmento étnico e de classe. No poema *Certidão de óbito*, tem-se a violência nos porões dos navios e que depois é deslocada para as favelas, em um caso ou no outro, busca-se o extermínio do corpo negro, como nos versos: “A bala não erra o alvo, no escuro/ um corpo negro bambeia e dança./ A certidão de óbito, os antigos sabem,/ veio lavrada desde os negreiros.” (Evaristo, 2017, p. 17). A escritora traz para sua poética as cicatrizes da escravidão. Mesmo que, historicamente, a escravidão não exista de modo legitimado no Brasil, persiste a colonialidade do poder em que o corpo negro continua sendo considerado inferior e, portanto, pode ser exterminado, porque não o considera realmente como humano.

No entanto, o colonizado não se desumaniza, não se sente um animal e, por isso, insurge. No mundo moderno, as letras tornam-se um dos instrumentos de se pensar o preconceito, escrever expõe as fraquezas e feridas do colonizador, responsabiliza-o no momento que não há mais como legitimar biologicamente, cientificamente, moralmente como tentou fazer por séculos tentando legitimar a inferioridade do indígena e do negro. Segundo Mignolo (2017, p. 4), “a modernidade anda junto com a colonialidade e, portanto, que a modernidade precisa ser assumida tanto por suas glórias quanto por seus crimes.” Esses crimes datam da invasão da América até os nossos dias, visto nas obras analisadas de Evaristo e Potiguara.

A categoria violência é injustificável no mundo atual, o racismo, os preconceitos voltam-se contra o colonizador, uma vez que hoje converteram-se em crimes. Além do que, as

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

literaturas negras e indígenas se fazem cada vez mais presentes no cenário mundial. Um dos exemplos que podemos citar como a força da escrita que emerge como resistência é o poema de Potiguara *Identidade indígena*, escrito em 1975, sendo o primeiro poema de autoria indígena feminina a ser publicado com abrangência nacional. O poema foi escrito em homenagem ao avô desaparecido em 1920. Na primeira estrofe do poema, temos:

Nosso ancestral dizia: Temos vida longa!
Mas caio da vida e da morte
E range o armamento contra nós.
Mas enquanto eu tiver o coração acesso
Não morre a indígena em mim e
E nem tampouco o compromisso que assumi
Perante os mortos
De caminhar com minha gente passo a passo
E firme, em direção ao sol.
Sou uma agulha que ferve no meio do palheiro
Carrego o peso da família espoliada
Desacreditada, humilhada
Sem forma, sem brilho, sem fama.
(Potiguara, 2019, p. 113)

O *cair da vida e da morte* presente no segundo verso destoa do que foi prenunciado pela voz ancestral no primeiro verso – a vida longa. Está subentendido no verbo *range*, no terceiro verso, que não se trata de um conflito, trata-se de um massacre, uma vez que a luta é desigual, o homem branco detém o armamento. Todavia, a partir do quarto verso, desponta-se a força da mulher indígena, que se nega a ser morta sem lutar. A ancestralidade permanece por ser indígena e se reconhecer como tal. Ela assume o compromisso de andar com os seus, de carregar o peso da família. Podemos perceber, pelos exemplos citados, que para a decolonização é necessário rever os valores do colonizador, a categoria da violência com que garantiram a lucratividade, o tempo em que o corpo negro e indígena eram vistos como mercadoria. O corpo, ao longo da história ocidental, segundo Borges e Fernandes Jr. (2013, p. 16), tem sido um mecanismo em que se compreende as construções culturais, como também os aspectos evidentes da materialidade. Podemos exemplificar esse corpo que se mostra como territorialidade nos versos de Potiguara:

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Ah! Já tenho minha aldeia
Minha aldeia é Meu Coração ardente
É a casa de meus antepassados
E do topo dela eu vejo o mundo
Com o olhar mais solidário que nunca
Onde eu possa jogar
Milhares de luzes
Que brotarão mentes
Despossuídas de racismo e preconceito
(Potiguara, 2020, p. 151-152)

Segundo a escritora, seu corpo é a sua aldeia. Ainda, segundo Borges e Fernandes Jr. (2013, p. 18), houve um distanciamento da percepção biologizante do corpo para associá-lo, na contemporaneidade, às questões identitárias, sociais e de gênero. O corpo visto na invasão das Américas como mercadoria, como propriedade, passa a ser visto como territorialidade, lugar de fala. Em Conceição Evaristo, há o renascimento do banzo em seu corpo, que é uma marca de ancestralidade, como nos versos seguintes:

O banzo renasce em mim.
Do negro de meus oceanos
a dor submerge revisitada
esfolando-me na pele
que se levanta em sóis
e luas marcantes de um
tempo que está aqui.
(Evaristo, 2017, p. 16)

Voltando nosso olhar para a contemporaneidade, percebemos que, por meio da colonialidade do poder, migra-se da espada para as metralhadoras, das propriedades para as ruas, e o que não se modifica é a tentativa de justificar os assassinatos. Os corpos negros e indígenas não perderam nas mentes colonizadoras características como a preguiça, a incapacidade de exercer um trabalho não subalterno. Há uma constante tentativa de subalternização do negro e do indígena, colocando-os como responsáveis pelo não desenvolvimento e pelo banditismo.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Poética de resistência e Resiliência na coletividade

Por meio das escritas de mulheres subalternizadas como Conceição Evaristo e Eliane Potiguara, podemos ver como a literatura expõe essas feridas, que sabemos que estão presentes na sociedade, mas que ainda há muito a ser dito e questionado. É importante partir da visão dessas mulheres, porque o olhar é desfocado da visão eurocêntrica, o giro decolonial proposto por Torres-Maldonado: “Decolonialidade envolve um giro epistêmico decolonial, por meio do qual o condenado emerge como questionador, pensador, teórico e escritor/comunicador.” (Torres-Madonaldo, 2018, p. 46). O protagonismo nas obras escolhidas é das mulheres que contam e se recontam em suas poéticas. É o grito estrangulado que surge na poética de Eliane Potiguara, colocado no prólogo da edição de 2004 na obra *Metade Cara, Metade Máscara*:

No dia que eu conseguir abrir as páginas de minh'alma e contar essas linhas de meu inconsciente coletivo – com alegrias ou dores, com prazeres ou desprazeres, com amores ou ódios, no céu ou na terra – aí sim, vou soltar a minha voz num grito estrangulado, sufocado há cinco séculos. (Potiguara, 2004, p. 9)

Percebemos, neste recorte, que haverá um tempo em que as páginas da alma serão abertas, será o momento de contar suas histórias que não se limitam a narrativas de si, mas também do inconsciente coletivo. Propõe-se, por meio dessa voz poética, contar as várias facetas que compõem essas histórias como tristezas e dissabores e, pelo ato da escrita, espera registrar os sentimentos de seu povo. O silenciamento é rompido a partir do momento em que ela expõe as histórias de seus ancestrais que estão intrinsecamente relacionadas à sua. Este silenciamento se transformará em um grito e tomará dimensões extremas, tanto em relação a sentimentos “alegrias versus dores” quanto em relação ao espaço “céu versus terra”. Notamos no poema *Consciência Tikuna*, a força que essa voz adquire em sua poética:

Sou um cachorro raivoso e irado
E minhas garras cortam as gargantas
Das feras, nos portões de ferro do mundo.
Não me venham com análises
Porque não sou louco.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Sou lúcido, tanta lucidez
Que sangro e consigo engatilhar meu coração

E explodo nos ares.
Aí, cato meus pedaços E saio pelas ruas
Avenidas, matas
Florestas e espaço...
Procurando a verdade.
(Potiguara, 2019, p. 38)

A voz poética aparece metaforizada em um cachorro e a adjetivação raivoso e irado demonstra essa consciência de sua força. O duelo se faz contra forças opressoras que não se apresentam como um outro animal especificado, mas como feras. O local de duelo é inóspito, porque se trata de uma entrada, cujo acesso é difícil são os portões de ferro do mundo. Em um segundo momento, a partir do quarto verso, chama-se a atenção de um interlocutor e seu juízo de valor, rotulando a voz de quem fala como louca e que, diferente de utilizar as garras, citadas no segundo verso, utiliza-se do engatilho do seu coração.

Temos, portanto, o alinhamento de duas forças, a resistência movida pela afetividade. Essa raiva e ira são engatilhadas a partir do engatilhar do coração. Por fim, na última estrofe, temos a explosão que não significa aniquilação, porque os pedaços são catados e a procura da verdade se torna ampla e indistinta: ruas, avenidas, matas, florestas, espaço. Trata-se de um eu poético pronto para um duelo, preparado para utilizar-se de vários instrumentos para a insurgência e que não se abate, mesmo estando em pedaços.

Essa voz poética de resistência e coletividade está presente na poética de Evaristo, nas *vozes-mulheres* em que confluem as vozes de sua bisavó, avó, a sua própria voz e a voz de sua filha, como nos versos: “A minha voz ainda/ ecoa versos perplexos/ com rimas de sangue/ e/ fome” (Evaristo, 2017, p. 15). Mas, para além disso, percebemos que as vozes dessas mulheres podem representar a voz de tantas outras mulheres negras subalternizadas. É a escrita que é imperativa para se representar a realidade das vivências como nas palavras de Evaristo: “Escrever é uma maneira de sangrar. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (Evaristo, 2019, p. 109).

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Importante ressaltar que os movimentos de intelectuais indígenas, assim como dos movimentos negros contemporâneos, constroem uma poética a partir de peculiaridades de seus grupos. Devido a isso, podemos perceber como o passado histórico da colonização e da escravização, do pertencimento a grupos estigmatizados estão presentes. Todavia, um dos problemas da decolonização é a leitura que o colonizador faz do colonizado, como massa indistinta, dividem-se apenas em raças: brancos, negros e indígenas, a perda das individualidades, a tentativa de universalização é um embate. Forjar uma nação única é desqualificar as diversidades culturais dos povos, uma falsa inclusão. Essa homogeneização sempre é caracterizada pela sobreposição dos valores europeus sobre o resto do mundo.

O forjamento de uma nação única foi colocada por Quijano como homogeneização. Segundo ele, a homogeneização do Estado-nação só poderia ser possível numa democratização da sociedade e do Estado e isso implicaria num processo de decolonização das relações sociais, políticas e culturais entre as raças. A ideia de raça como instrumento de dominação sempre foi um fato limitante na construção do Estado-nação, baseados no modelo eurocêntrico. Segundo Quijano ao falar sobre esse dualismo histórico:

Na realidade, cada categoria usada para caracterizar o processo político latino-americano tem sido sempre um modo parcial e distorcido de olhar esta realidade. Essa é uma consequência inevitável da perspectiva eurocêntrica, na qual um evolucionismo unilinear e unidirecional se amalgama contraditoriamente com a visão dualista da história; um dualismo novo e radical que separa a natureza da sociedade, o corpo da razão; que não sabe o que fazer com a questão da totalidade, negando-a simplesmente, como o velho empirismo ou o novo pós-modernismo, ou entendendo-a só de modo organicista ou sistêmico, convertendo-a assim numa perspectiva distorcedora, impossível de ser usada salvo para o erro. (Quijano 2005, p. 138).

Outro problema enfrentado pela decolonização é que os resquícios da colonização fazem com que o colonizador sempre veja no colonizado o inimigo que precisa ser combatido e, com isso, a força, o desejo de eliminação perdura. A ideia de que sem a colonização nada teria sido feito nas terras colonizadas, que foram os colonizadores que trouxeram a modernidade, tiraram os povos originários do obscurantismo, trouxeram a religião e, com isso, a salvação das almas.





Seguindo esta ótica, a violência foi o meio necessário para que o progresso existisse. A proposta decolonial no que diz respeito à performance estética é, segundo Maldonado Torres (2018, p. 48) “um ritual que busca manter o corpo aberto, como uma fonte contínua de questões. Ao mesmo tempo, esse corpo aberto é um corpo preparado para agir.” A história, por conseguinte, pertence ao colonizado e isso somente poderá ser modificado com a decolonização, é quando a escrita parte do colonizado, ele se torna o protagonista de sua história, a partir dele há uma proposta de reescrever a história.

Acreditamos que, diferente do que foi explicitado na obra de Fanon (1968), em que a categoria violência foi utilizada pelo colonizado para ocupar o espaço do colonizador, os indígenas e negros pretendem, nos dias atuais, somente ocuparem o próprio espaço, o espaço da igualdade e do respeito. Segundo Munanga (2020, p. 20), no que diz respeito aos movimentos negros da atualidade, busca-se a construção de uma identidade, partindo-se das peculiaridades de seus grupos, do passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos. Segundo o escritor, busca-se a posição de membro dessa sociedade que estigmatizou o negro, excluindo-o, mas que contou com sua força de trabalhado.

Vimos, por meio desses exemplos, as visões dos movimentos contemporâneos negros e indígenas que buscam por respeito e igualdade. A hostilidade e a agressividade, presentes nos discursos dos negros e dos indígenas que são criticados pelos brancos (chegando ao absurdo de alguns afirmarem se tratar de um racismo reverso), são formas de resistência. Longe de se fazer planfetarismo, trata-se da realidade colocada nas letras de Conceição Evaristo e Eliane Potiguara. Em um artigo denominado: *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face*, Evaristo assevera essa voz política e de engajamento ao falar da escrita como vingança, desafio e movimento dança-canto, em suas palavras:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (Evaristo, 2003, p. 2)





A escrita em seu poder lenitivo. Chamamos a atenção para dois momentos do excerto. O primeiro quando se fala que essa escrita fere o silêncio imposto. O silêncio existe, mas ele é abalado pelas letras da escritora. Um segundo momento, logo em seguida, remete à esperança que é qualificada como teimosa. Podemos interpretar essa teimosia, aqui colocada, como a escrita que resiste em meio ao racismo estrutural, que se faz presente no território literário, que já fora elitizado por tempo demais.

Temáticas em que há o protagonismo de mulheres negras e indígenas despontam nesse espaço de discussão literária na Educação. Infelizmente, as terras indígenas não são respeitadas e o corpo negro é alvo das balas perdidas nas favelas, principalmente, nas grandes cidades. Como há indígenas nas periferias, até mesmo como indigentes. Importante ressaltar que tanto Evaristo quanto Potiguara valem-se da ficção para dialogar com questões sociais e que não perdem a identificação com o Outro. Eliane Potiguara reflete sobre a colonização, e mostra como a colonialidade persiste na subalternização do indígena. Conceição Evaristo demonstra em suas letras o inconformismo quanto à subalternização do corpo negro e a violência a que é submetido. Elas ancoram seus textos nas memórias individual e coletiva, fazem reflexões sobre a contemporaneidade em uma linguagem marcada pela poeticidade. Um exemplo dessa força do fazer literário pode ser exemplificada no poema a seguir:

Inquisição

Ao poeta que nos nega

Enquanto a inquisição
Interroga
a minha existência,
e negra o negrume
do meu corpo-letra,
na semântica
da minha escrita,
prossigo.

Assunto não mais
o assunto
dessas vagas dissentedas
falas.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Prossigo e persigo
outras falas,
aquelas que ainda úmidas,
vozes afogadas,
da viagem negreira.

E, apesar
de minha fala hoje
desnudar-se no cáldo
e esperançoso sol
de terras brasis, onde nasci,
o gesto de meu corpo-escrita
levanta em suas lembranças
esmaecidas imagens
de um útero primeiro.

Por isso prossigo.
persigo acalentando
nessa escrevivência
não a efígie de brancos brasões,
sim o secular senso de invisíveis
e negros queloides, selo originário,
de um perdido
e sempre reinventado clã.
(Evaristo, 2017, p. 105-106)

Há um tom crítico no poema, dedicado ao poeta que inquer à escrita negra, aquele que *nega o negrume/ do meu corpo-letra*. A hifenização é um traço da escrita de Conceição. Uma palavra não é o suficiente para expressar o que quer dizer, temos aqui a junção entre seu corpo e sua escrita em corpo-letra. Como uma escrita de vivência (escrevivência), os traços de autoria de uma mulher negra se fazem presente em sua criação. A liberdade de sua escrita é estabelecida na segunda e terceira estrofe, o eu poético não assunta ao poeta que nega sua escrita, mas busca outras falas. Essas outras falas são *as vozes afogadas, /da viagem negreira*. Percebemos, assim, a ancestralidade. Sua poética guarda, em si, as vozes negras.

Na penúltima estrofe, há dois aspectos bastante trabalhados na poesia evaristiana. Primeiro, ela traz à tona a temática da escravidão e/ou ancestralidade. No segundo momento, ela retoma a fala de hoje, volta-se para o presente com um tom de esperança. As histórias pregressas dão-lhe esperanças de um novo tempo, mas sem esquecer o que se foi. É o momento de conciliação entre passado e presente. No desfecho do poema temos um motivo

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





de escrita, perseguir o acalento de sua escrevivência. Temos, novamente, a escrita lenitiva, que se desnuda em seu corpo-escrita e prossegue. A resistência é flagrante nas reiterações do mesmo vocábulo, ou na semelhança da construção semântica na seguinte sequência: “prossigo”, “Prossigo e persigo”, “prossigo”, “persigo”.

Ao analisarmos a poética de Evaristo e Potiguara, percebemos que ambas seguem/perseguem/prosseguem com suas escritas. A espera, o silêncio, o momento certo é uma das características marcantes, e podemos associá-la ao que Fanon denominou como “pseudopetrificação”. Segundo Fanon (1968, p. 40), “O colono alimenta a cólera do colonizado, sufoca-a. O colonizado está preso nas malhas do colonialismo. Mas vimos que no interior do colono logra apenas uma pseudopetrificação”. Notamos que esses momentos de espera são apenas intervalos em que há o preparo para o ressurgimento de outros gritos.

Na narrativa de Eliane Potiguara, foi a menina indígena que, a partir do que foi falado pelas mulheres de sua família, é que se tornou observadora, espiritualizada e sensível. Embora fora das terras originárias, manteve os laços ancestrais, a cosmologia e a herança espiritual. Anos depois, a menina transformou-se em uma militante, ativista, poeta, professora, dando visibilidade às causas indígenas.

Conceição Evaristo inicia suas publicações em *Cadernos Negros* (1978), que foi um marco para a publicação literária negra, em um campo frutífero de produção já iniciada em 1944 com Abdias do Nascimento com a criação do Teatro Experimental do Negro, em que visava ao protagonismo do povo negro. Em sua poética, a força e resistência da mulher podem ser exemplificadas na primeira estrofe do poema *Fêmea-Fênix*:

Navego-me eu-mulher e não temo
sei da falsa maciez das água
e quando o receio
me busca, não temo o medo
sei que posso me deslizar
nas pedras e me sair ilesa,
com o corpo marcado pelo odor
da lama.

(Evaristo, 2017, p. 28)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

A mulher que renasce, que é capaz de navegar em si mesma, de reconhecer-se. A suavidade se faz em meio à resistência. Rever e questionar a história eurocêntrica da modernidade, que se faz presente nos últimos quinhentos anos, é repensar os três elementos que afetam a vida cotidiana, segundo Quijano (2005): a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo. Repensar esses três elementos é indispensável para se entender e se respeitar a trajetória de negros e indígenas dentro da sociedade, e pensar a partir da ótica deles é um dos caminhos.

O artigo *Desebodiência epistêmica, pensamento independente e liberdade colonial*, de Mignolo (2021), vem ao encontro do que se propõe ao estudar Conceição Evaristo e Eliane Potiguara no que tange à decolonização do pensamento. O autor enfatiza a importância de se pensar a partir do subalterno, uma vez que a epistemologia eurocentrada cria uma ideia de universalização do conhecimento. Um fator importante ao se pensar em decolonização está na raiz das opções decoloniais que “partem do princípio de que a regeneração da vida deve prevalecer sobre a primazia da produção e reprodução” (Mignolo, 2021, p. 27). Ao tratar sobre os caminhos decoloniais, o autor enfatiza a importância de se ver a ferida colonial, a classificação das pessoas ao redor do mundo como subdesenvolvidas, econômica e mentalmente, e a questão do racismo.

O autor questiona a epistemologia do ponto zero, onde se cria a ideia de um observador separado e neutro colocando-se em uma posição totalmente objetiva, enquanto para Mignolo: “o conhecedor está sempre implicado, geopolítica e corpo-política no que é conhecido”. (Mignolo, p. 28). Percebemos isso na escrita, que compreende a etnicidade de Conceição Evaristo e Eliane Potiguara, no corpo-escrita, dito anteriormente.

Para Mignolo, há duas cosmologias, o que são molduras discursivas, construídas a partir do Renascimento que são a teologia e filosofia-ciência, são estruturas eurocentradas que desclassificam todos os outros conhecimentos que estejam fora dessa moldura. Algo de crucial importância para a ruptura epistêmica é a de que a produção do conhecimento deve vir de experiências e necessidades locais, o que vai de encontro à universalização do conhecimento que tem como base os interesses imperiais.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Pensando nessa decolonialidade, percebe-se que o racismo visto em Mignolo assim como em Quijano e Franz Fanon é o resultado das invenções, a partir de superioridade versus inferioridade. Como visto até o momento, há um ciclo vicioso, a partir dessa visão eurocêntrica que se coloca no centro do mundo. Mantem-se, com isso, a chamada matriz colonial de poder, que seria uma estrutura conceitual com o domínio da economia, autoridade gênero/sexualidade e conhecimento/subjetividade, fomentando a colonização. Na hierarquização, teremos o homem branco, a mulher branca, o homem negro e indígena e na categoria mais inferior a mulher negra e a indígena. Diferente da matriz colonial do poder, o pensamento decolonial coloca as vidas humanas em primeiro lugar, nas palavras de Mignolo:

Esse é o ponto em que as opções decoloniais, fundamentadas na geopolítica e na corpo-política do conhecimento, engajam-se não só em decolonizar o conhecimento, mas também na produção de conhecimento decolonial, desvinculando-se da teia do conhecimento imperial e moderno e da matriz colonial do poder. (Mignolo, 2021, p. 50).

Ao falar de *geopolítica*, Mignolo contrapõe-se à ideia de *egopolítia* em que a Europa privilegia o conhecimento somente produzido na Europa. A geopolítica é o conhecimento localizado, seria o pensar além e não a partir de um pensamento eurocentrado. Mignolo partiu do estudo da literatura decolonial na América Latina e o que ele propõe é pensar a partir de um lugar epistêmico crítico. Interessa-nos o estudo da obra poética de Conceição Evaristo e Eliane Potiguara a partir do olhar dessas escritoras e como suas vivências estão explícitas e implicitamente em suas obras. Buscamos focar em intelectuais que partem dessa localização, que falam a partir do “Terceiro mundo” como proposto em Mignolo (2009).

Partindo dessas conceitualizações, podemos perceber que a arte é um modo de decolonizar. No artigo *Epistemologia feminista negra* de Patrícia Hill Collins (2000), partindo de experiências de mulheres afro-americanas, a autora aponta como manifestações artísticas como a música, a literatura, as conversas e comportamentos cotidianos são alguns dos espaços importantes para conferir visibilidade às intelectuais negras. Assim como em Mignolo, percebemos aqui a importância de se pensar a partir de experiências locais.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Collins enfatiza algo que pode ser visto na produção de literaturas subalternizadas como acontece em Evaristo e Potiguara, quando discorre sobre a ética que ela denomina como Ética do cuidado. Segundo a autora, o que acreditamos ser uma desobediência epistêmica, há três componentes inter-relacionados a essa ética: ênfase na singularidade individual; lugar das emoções no diálogo; desenvolvimento da capacidade de empatia. Neste aspecto, podemos perceber como essa ética do cuidado expressa-se nas escritoras estudadas pela presença do afeto. A diáspora indígena existe, no entanto, a voz poética é de ternura, como nos versos que se seguem:

E tomaremos de assalto moral
As casas, os templos, os palácios
E os transformaremos em aldeias de amor
Em olhares de ternura
Como são os teus, acalentante identidade
E transformaremos os sexos indígenas
Em órgãos produtores de lindos bebês
Guerreiros do futuro
E não passaremos mais fome.
Fome de alma, fome de terra, fome de mata
Fome de História
(Potiguara, 2019, p. 114)

Essa voz poética terna é de resistência, o futuro prenuncia uma outra realidade que perpassa pela figura feminina. A mulher indígena é fecunda e trará uma nova geração que viverá uma outra realidade, diferente da escravidão e dos maus-tratos, tudo modificado pelo amor e ternura. Em Conceição Evaristo, temos essa voz poética que prenuncia um futuro melhor, tendo como base a união e o amor, como no poema:

Malungo, brother, irmão

No fundo do calumbé
nossas mãos ainda
espalmam cascalhos
nem ouro nem diamante
espalham enfeites
em nossos seios e dedos.
(...)
Os homens constroem
no tempo o lastro,
laços de esperanças

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

que amarram e sustentam
o mastro que passa
da vida em vida.

No fundo do calumbé
nossas mãos sempre e sempre
espalmam nossas outras mãos
moldando fortalezas esperanças,
heranças nossas divididas com você:
malungo, brother, irmão.
(Evaristo, 2017, p. 18-19)

Na primeira estrofe, Evaristo faz alusão à exploração de garimpos utilizando-se da mão de obra escrava. As mãos, utilizadas como instrumento, espalham o cascalho para a busca das pedras preciosas. A espera é um outro elemento utilizado em seus poemas, presente na segunda estrofe. Há uma contiguidade nos vocábulos espera/esperança. O tempo de espera é um tempo de esperança. Os laços de esperança são construídos, por meio das mãos que se unem a outras mãos. A voz poética de Evaristo é uma voz coletiva e podemos perceber isso no último verso com o uso do substantivo malungo, que se refere ao modo como os escravos africanos se tratavam reciprocamente ao virem na mesma embarcação da África. No último verso, há dois outros substantivos, um escrito em inglês, utilizado de modo informal no Brasil, e a tradução em português brother/irmão, utilizado entre amigos muito íntimos. Trata-se, portanto, da construção da esperança que se imana na afetividade por meio do coletivo.

Essas vozes poéticas engajadas com o tempo presente, que denuncia, que chama para a união está presente em todo o livro de Conceição Evaristo. A ancestralidade na comunhão dos novos com os velhos, o que se aprendeu com as avós, a valorização dos ancestrais, das tradições que faz com que a cultura seja perpetuada. Em Eliane Potiguara, podemos perceber essa ancestralidade por meio da personagem, que vivera por séculos para a construção da ideologia de exaltação da natureza, que lhe dá forças em sua caminhada. Há uma integração entre Cunhataí e a natureza, e com ela mantém o seu primeiro diálogo: “Bom dia sol! Nessa noite eu renasci. / Vi brilhar a luz em mim / num carapinhã que aos meus ouvidos / Zumbia o futuro de um colibri” (Potiguara, 2019, p.137).

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





A ancestralidade compõe a obra de Evaristo, que metaforiza seus ancestrais em olhos que zela pela geração presente: “Os olhos de nossos antepassados, / negras estrelas tingidas de sangue,/ elevam-se das profundezas do tempo/ cuidado de nossa dolorida memória. (Evaristo, 2017, p. 17). Temos nos versos o tempo presente e o passado e a correlação desses tempos existe pelo traço de ancestralidade. Somente essa ancestralidade consegue elevar-se “das profundezas do tempo”. A memória é adjetivada aqui como “dolorida”, e são os ancestrais quem as preservam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o texto, refletimos sobre o colonialismo para entendermos as consequências dessa mentalidade eurocentrada, a diferença colonial e os seus binarismos com a ideia de superioridade de um determinado grupo. No caso estudado, como se tratam de duas mulheres, uma negra e uma indígena, na hierarquia são consideradas as últimas, por serem de classes subalternizadas e por serem mulheres. Com isso, a diferença colonial continua existindo até os dias atuais.

Discutimos que essas amarras colonizatórias existem, porque foram rearticuladas como formas globais da colonialidade do poder. Acreditamos que a literatura indígena e negra eivem ser trabalhadas na Educação como um instrumento capaz de perturbar essa colonialidade, uma vez que são as mulheres subalternizadas que se põem, por meio da escrita, a escreverem as suas vivências que abarcam o que trazem de suas ancestralidades, suas memórias coletivas e individuais, a partir do olhar do subalternizado. A visibilidade pode ser conquistada por meio da escrita, porque não se trata somente de uma escrita individual, mas coletiva, quando os seus povos são contemplados em suas obras.

A importância de se pensar a partir do lugar de fala dessas mulheres é importante, porque se trata de “um outro pensamento” (Mignolo, 2020, p. 100) em que são consideradas diferentes histórias locais. A partir disso, desse pensar de outra maneira, pode-se caminhar para uma outra lógica e o que é de mais importante para este intelectual e que coaduna com a





nossa proposta é, por meio deste pensamento, mudar os termos da conversa e não apenas do contexto de conversação. (Mignolo, 2020, p. 102). Esta é uma proposta de se pensar a partir do local do subalternizado e colocar-se em posição de ouvi-los. A literatura indígena e negra, ainda pouco visitada na Educação, tem muito a contribuir para que possamos entender o mundo de um modo mais ampliado, distanciando-nos dos binarismos do colonialismo e da visão eurocentrada.

REFERÊNCIAS

BORGES, Luciana; FERNANDES Antônio Fernandes Júnior. (Org.); **O corpo na Literatura e na Arte: Teorias e Leituras**. Goiânia: FUNAPE, 2013.

EVARISTO, Conceição.; **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Franz.; **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MIGNOLO, Walter; **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar**. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MUNANGA, Kabengele.; **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.); **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2020.

POTIGUARA, Eliane.; **Metade Cara, Metade Máscara**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Grumín, 2019.

RIBEIRO, Djamila.; **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

_____. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

TORRES-MALDONADO, Nelson; Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Bernadino-Costa Joaze; Torres-Maldonado, Nelson; Grosfoguel, Ramón (orgs.). 2 ed., Belo Horizonte, 2019.

Recebido em: 14/04/2026

Aprovado em: 03/05/2026

Publicado em: 24/05/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

